



A literatura como conteúdo jornalístico cultural¹

Larissa Helena da Rocha MARTINS²

Ana Maria CORDENONSSI³

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

O jornalismo cultural encontra-se em uma crise de identidade na qual a Indústria Cultural reforça questões mercadológicas. Diante disto, tem-se como intenção analisar como a literatura pode aparecer enquanto conteúdo jornalístico cultural de forma contributiva à consciência crítica e retomada de elementos estético-culturais para resgatar a essência do jornalismo cultural enquanto esfera de valorização à produção intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, jornalismo cultural, literatura, *Sabático*.

Introdução

Os estudos relacionados ao jornalismo e à literatura encadeiam-se em sua maioria a discussões referentes aos gêneros textuais ou aspectos narrativos entre ficção e não ficção, muitas vezes reforçando o senso comum na tentativa de aproximações entre dois elementos distintos. A esfera do jornalismo cultural em muito teve sua ligação histórica associada à literatura e em uma geração composta fortemente por jornalistas-intelectuais e romances-reportagens.

Para o presente trabalho, a proposta é observar e analisar a literatura como uma esfera consolidada em seus aspectos enquanto elemento cultural e conteudístico no universo do jornalismo cultural. Para isto, tem-se como objetivo específico analisar de que modo a literatura aparece e se desenvolve nas matérias de capa do caderno cultural *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

¹ Trabalho orientado pela Profª Drª. Ana Maria Cordenonssi, apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Especialização em Jornalismo Contemporâneo: Conjuntura e Tendências da Mídia, na Universidade Metodista de Piracicaba, em outubro de 2010

² Formada em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba, atualmente cursa o 3º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo na referida universidade, email: larismartins@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora Dra. Ana Maria Cordenonssi. Curso de Comunicação Social -Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba, email: anamcorde@gmail.com



Dentro desta perspectiva tem-se por objetivos gerais descrever e abordar um fluxo de conteúdos nas matérias de capa, explicitar como a literariedade se constitui no caderno como desencadeadora da concepção “literatura” de Jonathan Culler, de modo que proporcione uma análise de como a literatura aparece enquanto elemento contribuidor à constituição e desenvolvimento dos conteúdos jornalístico culturais. Para o autor, a literatura pode se apresentar como: colocação em primeiro plano da linguagem (distinguível na linguagem usada para outros fins, como na poesia, por exemplo), integração da linguagem (quando elementos e componentes de um texto entram numa relação complexa), ficção, objeto estético e construção intertextual ou auto-reflexiva, sendo através destes expressada a questão da literariedade.

Para a realização destes objetivos, será utilizado o Método de Análise de Conteúdos, como uma forma mais analítica de observar a cultura e a literatura não somente como mercadorias pré-estabelecidas pela Indústria Cultural, mas enquanto instituições sociais no jornalismo cultural. A tipologia da pesquisa será exploratória, através da qual se considerará a interpretação dos fatos e a atribuição de significações para seus dados por uma forma qualitativa. Já, os procedimentos adotados visarão a uma pesquisa bibliográfica com livros, jornais e internet, diante de uma amostragem não probabilística compondo-se o corpus pelas duas primeiras de quatro edições mensais, do caderno *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A concepção adotada de jornalismo cultural é a de Faro (2007), o qual entende que “o jornalismo cultural, constitui-se num território de práticas jornalísticas que tanto reiteram signos, valores e procedimentos da cultura de massa, quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas, características de conjunturas históricas específicas”, encadeada à concepção de “literatura” dada pelo teórico Jonathan Culler, considerando também a existência da forte influência da indústria cultural, proposta na teoria crítica de Adorno e Horkheimer (1969).

1. A cultura um tanto quanto tímida

A definição de cultura teve suas origens vinculadas às concepções que englobavam questões referentes a um difícil acesso, ou produtos somente acessíveis às classes mais altas da sociedade. A palavra “cultura”, segundo Williams (2008), começou associada ao processo – cultura, cultivo de vegetais e animais e por extensão acabou sendo relacionada ao cultivo ativo da mente humana, destacada no século XVIII como um nome para configuração ou generalização de “espírito” que informava o



“modo de vida global” de determinado povo. Portanto, parte-se deste princípio, de que a cultura é válida como um elemento contributivo para a formação da mente humana, não tratado isoladamente, embora dependa de determinada ordem social.

Assim como salienta Bosi (1992), é necessário desconsiderar em toda concepção de cultura a expansão de uma visão ingênua da existência de uma noção de uniformidade, e, assim, refletir o necessário reconhecimento de uma realidade cultural pluralista. É preciso notar a cultura como originada pela sociedade, não estagnada em suas relações puramente mercadológicas e sim melhor relacionada à sua capacidade de compreensão do mundo, de seus elementos sociais, históricos e econômicos, principalmente como uma esfera proporcionadora de reflexão e consciência crítica representada por uma linha adimensional e incessante.

Diante desta concepção sobre o que venha a ser considerado “cultura” para a composição deste presente trabalho, torna-se essencial também abordar questões referentes à indústria cultural.

Na contemporaneidade ocorre uma distorção de valores, pelos quais o indivíduo sobrepõe sua busca pelo sentimento de satisfação por meio de objetos de consumo. A cultura de massa utiliza-se desta principal caracterização para provocar simultaneamente sentimentos controversos e mutuamente complementares. Ao mesmo tempo em que esta provoca sua despersonalização priorizando a quantidade em vez da qualidade, provoca sensações de despetença para justamente *a posteriori* utilizar destas para propagar por meio da cultura de massa e dos objetos produzidos pela mesma, sentimentos como autenticidade e exclusividade, que levam o indivíduo sentir-se ilusoriamente valorizado no sistema capitalista.

Nesta captação, através da óptica em que se considerem as influências da cultura de massa, ou Indústria Cultural, o conhecimento perde sua importância de abstração enquanto um elemento pertencente ao universo das idéias, a cultura em si ganha materialidade, a literatura muitas vezes é restringida a questões puramente editoriais e a cultura ao entretenimento.

Adorno & Horkheimer (1985, p.114) analisam a formação e o desenvolvimento da Indústria Cultural através de padronizações e pela suposição da formação de uma consciência individual e é por meio disto que “os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores, sendo estes aceitos sem resistência”. Ou seja, cria-se uma expectativa de necessidade que gere no indivíduo uma suposta consciência individual responsável pelo pensamento de sentir-se representado



por determinadas mercadorias padronizadas. Segundo os mesmos autores (1985, p.128) o indivíduo não se nota como mero consumidor e nem sequer percebe as estratificações existentes em todo o sistema. Elementos comuns são atribuídos a valorizações recicláveis aos olhares da Indústria Cultural, como forma de assegurar efeitos e consecutivamente dominação, afinal, “(...) o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida”.

Posteriormente gerado este sentimento de identificação e falsa necessidade, a cultura também acaba sendo interligada a um caráter relacionado ao entretenimento. Adorno & Horkheimer (1985) descrevem a diversão como proporcionada pela cultura de entretenimento, como um fator compensador que põe o indivíduo de novo em condições de enfrentar os mecanismos do capitalismo, não de uma maneira conscientizada, mas sob uma forma camuflada, na qual o prazer esteja em não promover esforços, inclusive o intelectual.

Esta suposição da quebra de esforços intelectuais contrapõe justamente o principal caráter da cultura relacionado à formação de uma consciência crítica, afinal, quanto menos informação, mais fortificada torna-se uma esquematização de propor consumos que passam a ser inquestionáveis e a serem vistos por olhos conformistas diante de padronizações sociais e econômicas. Quanto menos pessoas questionadoras, mais facilmente atinge-se o esperado pela Indústria Cultural, pois segundo Adorno & Horkheimer (1985, p.143) “a cultura industrializada faz algo a mais [do que domar instintos revolucionários]. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável”.

No universo da cultura, englobando-se a literatura enquanto conteúdo no jornalismo cultural, nota-se a formação cultural distanciada da contribuição ao intelecto, limitando-se à associação da informação jornalística somente como objeto de divulgação e consumo e não como aliada à produção de reflexão.

2. Jornalismo cultural: plataforma para novos horizontes

Na obra “A cultura como notícia no jornalismo brasileiro” (2003), Sérgio Luiz Gadini, expõe a tematização jornalística da cultura, dada com a criação da indústria e do mercado de consumo associada ao processo de urbanização emergente do público consumidor a partir do século XX, iniciado jornalisticamente pelos chamados “Periódicos”. Ainda nesta contextualização, Gadini (2003, p.33) situa a “virada da década de 20/30 como o período em que a diversão, as artes e o lazer começam a



romper os domínios de produção ‘caseira’ para ganhar status de bens de consumo” e segmentações de públicos, dentro das perspectivas da vinda do capitalismo e do caráter mercantil da notícia.

Incluso a esta caracterização do desenvolvimento da cultura enquanto notícia no jornalismo brasileiro, o autor destaca os anos 50 como um marco tanto para as condições macroestruturais do país para a realização de um tratamento mais intelectualizado à cultura através da presença de jornalistas-escritores, quanto à fortificação dos agendamentos de espaços midiáticos nos meios impressos. Desta forma, ainda segundo Gadini (2003, p.88) também data-se “até meados dos anos de 1970 há um tratamento jornalístico bem como um ambiente de reflexão mais consistente (o modo literário de discutir a cultura) para se pensar/falar da própria vida social”.

“O jornalismo cultural, constitui-se num território de práticas jornalísticas que tanto reiteram signos, valores e procedimentos da cultura de massa, quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas, características de conjunturas históricas específicas” (FARO, 2007). Tem-se esta como a definição principal do que venha a ser o jornalismo cultural, ou seja, uma esfera jornalística na qual possam existir as possibilidades de resignificações de acordo com um contexto que predetermine os bens simbólicos dados através da cultura. Entretanto, tem-se por objetivo destacar a cultura enquanto elemento contribuidor essencial para a formação do indivíduo-leitor na esfera do conhecimento, enquanto espaço para a produção intelectual.

Visa-se expor o jornalismo cultural, como não sinónimo à veiculação de elementos essencialmente restritos à divulgação, lógicas editoriais ou puramente publicitárias e unicamente mercadológicas. Isto porque, mais a fundo, a essência do jornalismo cultural está justamente em sua composição intelectual dada através de “um gênero marcado pela forte presença editorial, opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa, identificando-se com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades de imprensa” (FARO, 2007, p.5).

Apesar de muitas vezes ter seus textos fortemente influenciados por uma estética literária, o jornalismo cultural sobrepõe seu caráter jornalístico em priorizar a informação, encadeada a concepções analíticas de elementos vivenciados no universo cultural de uma determinada sociedade. Neste universo cultural, a necessidade humana em atribuir sentidos aos signos em seu contexto social e histórico encontra-se nos sistemas de significações, sendo que nestes, segundo Faro (2007), se dá a “instância de



categorias valorativas e históricas, negociadas entre os vários sujeitos que a produzem, pela intersecção de plataformas interpretativas”.

Nesta perspectiva de composição, destaca-se que o jornalismo cultural mantém o seu aspecto informativo. No entanto depara-se com problemáticas referentes a textos não estritamente acadêmicos, mas que utilizem uma linguagem que atinja e tenha como objetivo constituir uma narrativa que provoque uma interpretabilidade de mundo dada entre ineditismo e estruturadora de percepções analíticas de mundo nos campos culturais que levem em conta a dinamicidade cultural.

3. A literatura além das narrativas: a literatura como conteúdo

Primeiramente deve-se esclarecer que o presente trabalho não tem como objetivo analisar a relação entre jornalismo cultural e literatura em uma equiparação dada através de gêneros ou composições narrativas, mas sim como a literatura pode aparecer no jornalismo cultural, neste caso, no caderno *Sabático*.

A literatura se encontra entre as demais sistematizações teóricas pelas quais o homem sente-se na necessidade de organizar o mundo. Enquanto elemento simultaneamente incluso às ciências humanas e também à comunicação, situa-se no universo das idéias e na substancialidade constituída através das vivências do ser humano.

“Antes de 1800, literatura em termos análogos em outras línguas européias significavam “textos escritos” ou “conhecimento de livros”. Mesmo hoje, um cientista diz que “a literatura sobre a evolução é imensa”, quer dizer não que muitos poemas e romances tratam do assunto” (CULLER, 1999, p.28). Ainda nesta busca e problemática existentes de uma definição teórica do que venha a ser a literatura, nos “chamados formalistas russos, na década de 1930, a literatura encontrou seu objeto inconfundível, a *literariedade*, ou seja, uma capacidade especial que as obras literárias têm de lidar com a linguagem verbal, promovendo um desvio em relação ao seu uso comum” (BULHÕES, 2007, p.16).

A literariedade está relacionada às definições de considerar uma obra literária ou não-literária. Este conceito encontra-se diretamente relacionado ao contexto histórico-social de uma determinada sociedade, pela qual, elementos estéticos são definidos por uma determinada época.

Segundo Culler (1999), a literatura estará sempre coesa a uma estrutura social interna, formuladas pelas já citadas plataformas interpretativas responsáveis pelas



(re)significações dos bens culturais, que esteja coerente com determinados valores culturais em um determinado contexto no qual a literatura pode ser reconhecida em primeiro plano da linguagem, integração da linguagem, ficção, objeto estético e/ou construção intertextual ou auto-reflexiva.

Através da sua liberdade com a linguagem muitas vezes dada por estruturas poéticas ou narrativas, a literatura não se encontra avessa à sociedade, muito pelo contrário, expõe e discute determinadas problemáticas, muitas vezes, metaforicamente, inseridas a sua própria contextualização sócio-histórica e concepção cultural.

Devido a esta ligação com seu contexto, esta é definida através da literariedade, pela qual se constituem elementos que subsidiam determinado grupo no estabelecimento do que venha a ser literatura. Uma determinada obra sofre uma mutabilidade temporal, visto que, esta pode ser reconhecida como literatura após o decorrer de vários anos, dada através de sua importância sócio-histórica, enquanto obra literária capaz de refletir sobre determinadas situações em um determinado período. A literariedade, portanto, converge-se em sua constituição assim como a concepção do que venha a ser a cultura.

4. *Sabático: uma temporada para a leitura*

A origem do *Sabático* deu-se através do Suplemento Literário, projetado por Antonio Candido em 1956. Segundo a obra “Suplemento Literário – Que falta ele faz!”, de Elizabeth Lorenzotti (2007), o Suplemento Literário teve circulação de 1956 a 1974. Após isto inicia-se em 17 de outubro de 1976 o Suplemento Cultural, que foi veiculado até 09 de junho de 1980; posteriormente em 15 de junho de 1980 surge o Suplemento Cultura, uma espécie de tablóide com colaborações, que teve seu fim em 31 de agosto de 1991. Entre estas idas e vindas, em 06 de abril de 1986 estabelece-se o Caderno 2.

O Caderno 2 de Cultura publicado aos domingos, no projeto gráfico novo do jornal *O Estado de S. Paulo* no ano de 2010, se fragmentou em dois cadernos de cultura, um aos sábados *Caderno 2 + Música* e outro mais variado *Caderno 2 domingo*. Este novo projeto, segundo matéria publicada no dia 06 de março de 2010⁴, originou o caderno *Sabático* visando-se a princípio melhor distribuição das páginas de conteúdos

⁴ *Matéria: “No “Sabático”, todas as razões para cultivar o tempo da leitura – Caderno 2 passará a circular também aos domingos”, publicada dia 06 de março de 2010, na versão online do jornal Estado de S.Paulo.*



culturais e uma forma de incentivo a leitura, literatura e mercado editorial. O *Sabático* possui em média um caderno de seis a oito páginas. Nestas a matéria de capa é destacada com uma figura relacionada ao tema principal ocupando a página inteira, com três subtópicos e mais, em média, 15 tópicos de conteúdos variados sobre artes e literatura. Sua centralidade está na divulgação de lançamentos no mercado editorial.

5. Analisando o *Sabático*

O método adotado para a realização do presente trabalho será o de Análise de Conteúdos, como forma mais analítica de observar a cultura e a literatura não como somente mercadorias pré-estabelecidas pela Indústria Cultural, mas sim enquanto instituições sociais presentes no jornalismo cultural.

O tipo de pesquisa quanto aos objetivos será a Pesquisa Exploratória, pelo qual busca-se “criar uma familiaridade com o problema no intuito de explicitá-lo” (LAKATOS, 1991, p.38), considerando a interpretação dos fatos e atribuição de significações para seus dados por uma forma qualitativa dada através da análise de conteúdos.

Busca-se constatar como a literatura aparece enquanto conteúdo jornalístico cultural abordado nas matérias de capa, para supor uma forma em que se descreva a convergência entre jornalismo cultural e literatura enquanto esferas e elementos distintos, que visam mutuamente à constituição do indivíduo entre informação, formação e expansão de conhecimento.

Dentre os procedimentos adotados para a realização do presente trabalho, ocorrerá uma observação sistemática para descrever a composição do caderno e sob que forma a literatura se desenvolve nas matérias de capa, observando gêneros e conteúdos abordados. A amostragem será considerada como não probabilística, visto que os procedimentos de seleção do objeto em análise foram estabelecidos a critério do próprio pesquisador, ou seja, foram intencionalmente selecionadas as duas primeiras edições dos meses de março, abril, maio e junho de 2010 do caderno *Sabático* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A princípio a essência do caderno *Sabático* está na divulgação de lançamentos do mercado editorial. Nota-se que dada a concepção de “literatura” de Jonathan Culler, vale considerar que a literatura aparece ambigualmente enquanto elemento cultural e mercadoria nas relações editoriais, sua esfera interligada às cinco formas da literatura segundo o autor, refletem que sua aparência em primeiro plano, integração da

linguagem e caráter ficcional relacionam-se às obras lançadas ou reeditadas resumidas a mercadorias de consumo, enquanto seu papel como objeto estético e/ou construção intertextual ou autoreflexiva que deveriam ser refletidos nas composições textuais jornalísticas culturais, são pouco perceptíveis.

A literatura é contextualizada em sua literariedade, ou seja, apesar do encadeamento e direcionamento existentes e dados através dos lançamentos do mercado editorial, as temáticas também se interligam a uma atualidade cultural⁵. Têm-se como exemplo a edição nº6, na qual é discutido a respeito do jornalismo digital no universo da informação através da obra “O Pianista no Bordel” de Juan Cebrián, cuja importância constitui-se no compartilhamento de assuntos retomados por traços históricos de seus autores discutidos⁶. Exemplifica-se o tópico de retomada histórica por meio de autores, a edição nº2, na qual a temática central são os lançamentos de biografias de autores como Kafka, Rimbaud, Garcia Marquez e Picasso, e referências às obras anteriores destes para situar os leitores.

As matérias de capa abordadas pelo *Sabático* são sempre destacadas através das imagens dos autores, sendo o primeiro plano dado ao autor e posteriormente um título e seu lead comentando-se brevemente sobre a obra a ser lançada ou reeditada, como é possível notar abaixo na imagem da edição nº5, com a imagem do autor Jean-Paul Sartre (foto a seguir).



Edição nº5, publicada dia 10 de abril de 2010.

Das oito edições analisadas, todas as matérias de capa abrangem o universo literário, ocorrendo sempre um encadeamento entre matéria de capa, temática e seu desenvolvimento, como é possível constatar na tabela abaixo:

EDIÇÃO	DATA	CHAMADA	CONTEÚDO
--------	------	---------	----------

⁵ Edição, nº6, publicada no dia 17 de abril de 2010, nas páginas S4 e S5.

⁶ Edição nº2, publicada no dia 20 de março de 2010, nas páginas S4 e S5.



Nº 1	13/03/2010	“Não contém com o fim do livro”	Entrevista com Umberto Eco, sobre seu novo livro “Não contém com o fim do livro”
Nº 2	20/03/2010	“Vidas, modos de usar!”	Texto sobre novas biografias de Kafka, Rimbaud, García Márquez e Picasso”
Nº 5	10/04/2010	“Sartre, próxima parada”	Texto sobre os 30 anos da morte do autor, suas obras e temáticas.
Nº 6	17/04/2010	“Todas as teclas de Juan Cebrián”	Entrevista com Juan Cebrián, sobre seu novo livro “O Pianista no Bordel”
Nº 8	01/05/2010	“Páginas da crise”	Entrevista com Adam Haslett, sobre seu novo livro “Union Atlantic”
Nº 9	08/05/2010	“Como exportar (melhor) a literatura brasileira”	Texto crítico de Raquel Cozer, sobre os investimentos governamentais na exportação da literatura brasileira.
Nº 13	08/06/2010	“Gilberto Freyre, luz e sombra”	Texto sobre um livro inédito de Gilberto Freyre (Autor homenageado na FLIP 2010).
Nº 14	12/06/2010	“Alma russa”	Texto sobre traduções dos livros Eugênio Oneguim de Alexand Pushkin e Ressureição de Liev Tolstoi.

*Obs: Todas as edições são referentes ao ANO I.

Melo (1985) ao analisar as classificações dos gêneros no jornalismo brasileiro, baseia-se nos estudos dos processos jornalísticos iniciados na década de 60 por Luiz Beltrão⁷: o primeiro propõe duas categorias: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta), nos quais, segundo o estudioso, centram-se os desempenhos das funções jornalísticas ao público: informar, explicar e orientar.

A literatura acaba sendo trabalhada pelas matérias de capa através de três gêneros: entrevista, artigo e resenha, ou seja, de acordo com a classificação citada anteriormente, um gênero informativo e outros dois opinativos. Em um total de catorze conteúdos nas edições analisadas, constam cinco ocorrências do gênero entrevista, sete ocorrências de artigos e duas de resenhas. Ainda referente à constituição dos conteúdos abordados pelas matérias de capa, ocorre a predominância da literatura internacional (seis edições) equiparando-se à literatura brasileira (duas edições).

As entrevistas se constituem em média de seis a quinze perguntas ao entrevistado, ou seja, para o autor abordado ou teórico relacionado à matéria de capa. No total de cinco entrevistas, nota-se que há uma preocupação em falar sobre a obra lançada ou reeditada, trazendo elementos de obras anteriores do autor (geralmente, antigos Best Sellers), como uma forma de também fazer ganchos para retomar acontecimentos atuais relacionados à obra. Através disto, enfatiza-se a opinião dos

⁷ Conferir “Opinião no jornalismo brasileiro”, José Marques de Melo, p.56



escritores mais do que realmente falar sobre seus livros, há o destaque para temáticas do que realmente a elementos estéticos da obra em si.

No caso da entrevista com o escritor italiano Umberto Eco sobre o livro “Não contem como o fim do livro”, de Ubiratan Brasil, na 1ª edição do caderno *Sabático*, do dia 13 de março de 2010, nota-se o enfoque à coleção de livros do autor e questões pessoais sobre o mesmo, ao invés de destacar elementos estéticos e literários de sua obra. Em contrapartida, na edição nº8, observa-se uma entrevista mais bem elaborada e direcionada ao universo literário e cultural em questão. Nesta entrevista com Adam Haslett, “Bolsa de valores individuais e coletivos”, realizada por Lúcia Guimarães, é possível analisar questões que vão além de discussões de temáticas, pois há uma preocupação em explicitar informações ao leitor do caderno sobre elementos literários focados no livro, como questões sobre os gêneros que compõem a obra dele, características do protagonista, trazendo a obra para a atualidade.

São estas as características da resenha conforme define Melo (1985, p.99), para quem este tipo de texto “configura-se então como um gênero jornalístico destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado”. Ou seja, esta se encontra destinada muito mais à publicidade do que julgamentos estéticos, ocorrendo um grande distanciamento referente a textos críticos. Nas edições analisadas, constam 3 resenhas: uma sobre o livro “Eugenio Oneguim”, de Aleksandr Pushkin, por Aurora F. Bernardini, outra sobre “Ressurreição”, obra de Liev Tolstoi, por Elena Vássina, ambas professoras titulares de literatura russa na Universidade de São Paulo⁸, e, a terceira, sobre o livro “Os bastidores da crise”, de David Wessel, escrita por Celso Ming⁹.

As três resenhas trazem elementos contextualizadores sobre vida e obra dos autores abordados e algumas poucas informações descritivas quanto à narrativa e personagens das obras, mas não ultrapassam a divulgação de informações e nem expressam uma opinião sobre a obra lançada ou reeditada. Isto reafirma uma das funções das resenhas citadas por Melo, “não é a literatura que se aprecia, mas o livro colocado no mercado”. (op.cit.)

Os artigos são a forma predominante de como a literatura aparece nas páginas do caderno *Sabático*. Estes variam muito conforme a estilística do autor, no entanto, alguns elementos estruturais são preestabelecidos, entre eles a preocupação com dados

⁸ Ambas as resenhas encontram-se na edição nº 14, publicada dia 12 de junho de 2010.

⁹ Esta resenha encontra-se na edição nº 8, publicada dia 01 de maio de 2010.



biográficos. Tem-se como um exemplo a edição nº5, na qual o texto de autoria de Gilles Lapouge situa o leitor diante de toda a vida e obra de Jean-Paul Sartre. A matéria releva elementos da vida do autor, entre eles, o envolvimento político, como forma de trazer ao leitor a visão e importância cultural do mesmo para a época e para a história como um todo. Além dos dados biográficos, é possível observar também sempre o apoio de referências teóricas em textos nos quais são abordados gêneros literários, como no caso da edição nº2, na qual o gênero biografia é comentado. Em sua grande maioria, os textos estão encadeados aos lançamentos do mercado editorial, sendo através destes muitas vezes traçados o panorama da vida do autor em questão e retomado aspectos de suas obras anteriores.

Convém destacar no presente trabalho o texto da edição nº9. Neste, foi observado o único posicionamento crítico direto analisado entre as demais edições. O artigo de Raquel Cozer traz uma crítica nítida à divulgação da literatura brasileira no exterior devido ao baixo investimento do governo em traduções, bolsas, e relações entre editoras e agentes literários. Comparado aos demais textos em análise, nota-se que os demais acabam focando questões mais descritivas e informativas, dotados de uma parcial neutralidade, na qual pouco dos autores acabam expressando alguma visão de mundo sobre determinado assunto (ou temática abordada) e/ou obra a ser lançada ou reeditada.

6. Considerações Finais

Dada a análise do caderno *Sabático* para observar como a literatura é abordada nas matérias de capa e seu desenvolvimento, nota-se que muitas vezes na esfera do jornalismo cultural, alguns elementos de importância cultural, como a literatura, acabam sendo designados ao direcionamento de conteúdos por questões mercadológicas.

O enfoque do *Sabático* está em lançamentos e reedições do mercado editorial e infelizmente, apesar da relevância de encadear elementos culturais à atualidade, observa-se que apesar da predominância de textos, estes em muito se apegam mais a questões descritivas de uma determinada obra, com matérias pouco críticas.

Há uma nítida convergência na constituição da literatura e do jornalismo cultural, em suas concepções encadeadas ao contexto sócio-histórico, apesar disto, a literatura enquanto conteúdo jornalístico cultural se distancia de sua essência interligada à produção intelectual.



Referente aos gêneros utilizados para a abordagem da literatura enquanto conteúdo jornalístico cultural, as entrevistas, os artigos e as resenhas acabam deixando a desejar na questão da criticidade. Prioriza-se mais a divulgação de informação de dados, minimizando a questão reflexiva pertinente no jornalismo cultural, enquanto espaço jornalístico no qual o jornalista tem como oportunidade expor sua autoria diante de elementos estéticos e culturais. Ou seja, a literatura se constitui enquanto conteúdo jornalístico cultural através da composição destes gêneros, sendo através destes que se fala justamente da própria literatura.

Das oito edições analisadas no total, somente em uma há um texto crítico, sobre a política de publicação de livros estrangeiros em detrimento aos nacionais, no qual ocorre o posicionamento do autor-jornalista sobre o assunto abordado, representando um pequeno espaço dado aos textos críticos equiparado aos demais.

A literatura também é composta e notada, por meio de sua dinamicidade de atribuições contextuais, portanto, não se poderia somente considerar o seu caráter econômico. Nesta há a importância de valorizar uma esfera na qual o indivíduo e a sociedade possam expor pensamentos e sentimentos de forma contributiva, ultrapassando o compartilhamento de informação ou divulgação, ocasionando amplitude intelectual, através de questionamentos e reflexões.

A abordagem dada à literatura no universo jornalístico cultural analisado no presente trabalho expõe que esta deveria estar em consonância com um dos papéis do jornalismo cultural, que é o de contribuir para a plataforma no âmbito intelectual proporcionando um espaço para ampliações de conhecimentos e reflexão. Isto porque, assim como descreve Faro (2007), é através do jornalismo cultural que será dada a possibilidade da reiteração de signos e conseqüentemente, a diversidade de interpretabilidade de mundo e senso crítico alicerçando informação à expansão de conhecimento.

Nota-se que dada a existência da crise de identidade atual do jornalismo cultural devido a sua limitação a somente divulgações de produtos de consumo (neste caso, os livros), deveria-se retomar a literatura enquanto conteúdo jornalístico cultural, como forma de resgatar sua essência contributiva à produção intelectual, visto que, através desta, a criticidade ganharia destaque enquanto um elemento de primazia na constituição de textos, possibilitando uma amplitude reflexiva e interpretativa diante dos conteúdos jornalísticos culturais e compreensão mais significativa diante da própria esfera cultural na qual o indivíduo encontra-se inserido.



REFERÊNCIAS

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. A indústria cultural – O iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Costa Lima (org). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Alex Galeno. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. – (Coleção ensaios transversais).

COHN, Gabriel (org). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultural de massa nessa sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Cristiane. A literatura como negócio. In: *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FARO, J.S. *Nem tudo o que reluz é ouro*. (2007). Disponível em : <www.jsfaro.net>. Acesso em: 15 fev.2010.



GADINI, Sérgio Luiz. *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

GOLDMAN, Lucien. *Dialética e cultura*. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia, política e ideologia: de Reagan a Rambo. In: *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001. (6)

LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. In: *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LORENZOTTI, E. *Suplemento Literário: que falta ele faz! 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEZES, Fagundes. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Editora Razão Cultura, 1997.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação).

VICCHIATTI, Carlos Alberto. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paulus, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.